



MISERICÓRDIA PARA COM AS FRAQUEZAS E INJÚRIAS

DISCURSO NO ENCERRAMENTO DA PROCISSÃO DA INVENÇÃO DA SANTA CRUZ

03 Maio 2015 – Igreja Matriz de Barcelos – 17h

O ano pastoral em curso na Arquidiocese de Braga tem como principal finalidade promover uma profunda unidade entre a fé e a caridade. “A fé sem obras está completamente morta”, disse o apóstolo Tiago aos judeo-cristãos da Diáspora. Sabemos bem o quanto a diáspora, bem como outras situações de fragilidade humana, requerem uma atenção particular. Diria mesmo que a fragilidade é a condição humana onde o amor cristão e a fé se revelam mais necessários. Uma leitura deturpada das nossas intenções poderia concluir que se trata de um aproveitamento da debilidade do outro para evangelizar. Nada mais errado. A caridade cristã produz a dignidade e a autonomia da pessoa, transformando a fraqueza em vigor. Como dizia S. Paulo, “quando sou franco, então é que sou forte” (2 Cor 12, 10), porque na fraqueza habita a força de Cristo.

Um itinerário muito concreto para operar a caridade cristã é o das obras de misericórdia, espirituais e materiais. Foi com alegria que recebi a notícia que o Santo Padre deseja inaugurar, a 8 de Dezembro de 2015, um Jubileu Extraordinário da Misericórdia e nele pede que se reflecta sobre as obras de misericórdia. Diz o Papa Francisco, “é meu vivo desejo que o povo cristão reflecta, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina”.

As Obras de Misericórdia despertam as consciências adormecidas e anesthesiadas pela mediatização do sofrimento. Todas elas são importantes, mas gostaria hoje de recordar, pela sua universalidade e actualidade, duas obras espirituais.

1. Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo. Todos temos debilidades, incoerências, maldades e atitudes desastrosas. Com grande facilidade encontramos justificação para as nossas atitudes e, muitas vezes, somos intransigentes com os outros. A cruz de Cristo, todavia, aconselha-nos a ter paciência (que vem do latim PAX), isto é, a sermos um instrumento de paz e a levarmos amor onde existe



ódio, o perdão onde existe ofensa e a alegria onde existe tristeza (*Oração de S. Francisco de Assis*). Como recorda o Papa Francisco na bula do Ano da Misericórdia, “a paciência e a misericórdia é o binómio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus”. E onde existe a paciência, a bondade prevalece sobre o castigo e a destruição.

2. Perdoar as injúrias. As fraquezas, quando resultam de traços da personalidade humana, são, muitas vezes, inultrapassáveis e moralmente justificáveis. As injúrias, por sua vez, resultam da acção intencional do Homem. A maldade e a perversidade existem, não tenhamos dúvidas. São pecados graves mas, ainda assim, passíveis da misericórdia de Deus. “Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão”, diz o Santo Padre.

A misericórdia é, e será sempre, maior do que qualquer pecado. Também nós, criaturas feitas à imagem de Deus, deveremos ser sacramento do perdão. Perdoar custa. É um caminho árduo. Mas perdoar é, ao mesmo tempo, sinal de uma fé madura, sólida e abrangente.

Que a Cruz de Cristo nos aponte o caminho da salvação, do perdão e da misericórdia divina que transforma a fé em obras de caridade.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*